

“E se a gente escreve uma coisa que deixa alguém feliz quando está para baixo, isso por acaso não muda o mundo?”

(Princesa Para Sempre; de Meg Cabot)

entra na cozinha com cara de zumbi, nos dá um “bom dia” com uma voz mega preguiçosa – o meu pai é como eu, superdorminhoco – e se junta a nós na mesa.

- E aí, filha, animada para recomeçar as aulas? – pergunta a minha mãe, cheia de ânimo na voz.
- Ah, acho que sim... Quer dizer, eu estou superfeliz para reencontrar todo mundo, mas, ao mesmo tempo estou com uma preguiça tão grande de começar tudo de novo...
- É, eu sei como é, Gi. Mas não se preocupe, vai dar tudo certo!

Terminei o café da manhã, escovei os dentes, coloquei o meu uniforme – que é muito feio e não me favorece em nada, por sinal – e saí com a minha mãe para a escola.

Minha mãe tem que sair cedo para o trabalho. Por isso, é sempre ela quem me leva para a escola. Ela é professora universitária e tem que estar na faculdade bem cedo. O meu pai, por sua vez, é advogado. Ele e o meu tio fundaram juntos um escritório de advocacia e já trabalham lá há um bom tempo.

Quando já estou quase dormindo no banco do carro, minha mãe me interrompe:

- Gi, já pode sair... Ai, anda logo Gisele! Eu já estou atrapalhando o trânsito, minha filha!
- Ok, mãe, desculpa. Até mais tarde!

CAPÍTULO 2

Ao chegar perto da minha sala – que fica no bloco vermelho, uma vez que a minha escola é dividida em três blocos: um para o Ensino Fundamental I (o azul), um para o Ensino Fundamental II (o verde) e um para o Ensino Médio (o vermelho) - dou de cara com a Alice e a Bruna. Não existem amigas melhores do que elas!

- Bruna! Alice!
- Oi, Gi! – disseram elas em coro, logo antes de me abraçar.
- Gi, amiga, você não vai acreditar em como ontem foi um dia ótimo! – disse a Alice, toda empolgada.

Antes que eu pudesse perguntar o que podia ser tão bom assim, ela já foi dizendo:

- Sabe, eu estava pensando no que eu podia fazer para o Pedro me notar. Aí, a Mari na mesma hora entrou no meu quarto para pedir alguma coisa emprestada e eu acabei pedindo a ajuda dela. E foi ótimo! A minha irmã realmente sabe dar conselhos! Ela disse que nós tínhamos que ir às compras, comprar um monte de acessórios para chamar a atenção dele pra mim e que tínhamos também que ir ao salão, para o meu cabelo ficar impecável! E aí, acha que vai dar certo? – ela disse, colocando as mãos na cintura e fazendo sinal para que eu a analisasse.

A verdade era que ela estava linda. O que, no caso dela, era sempre. A Alice era muito vaidosa, estava sempre se arrumando e, além disso, tinha sempre as dicas da irmã mais velha dela, a Mariana, para ajudá-la.

A Alice tinha cortado as pontas do cabelo castanho comprido e liso dela e feito escova, o que o deixou ainda mais liso do que o habitual, e francesinha nas unhas compridas, bem diferentes das minhas, que são curtinhas e, mal crescem, já estão quebrando de novo.

Porém, apesar de tudo isso, eu tinha quase certeza de que a Alice não conseguiria chamar a atenção do Pedro. Pelo menos, não como ela queria. A verdade era que o relacionamento deles era bem complicado. Eles ficaram umas três vezes ao longo do ano, se gostavam, mas, apesar de tudo, eles não assumiam nada sério e fingiam ser só amigos.

- Você está linda, Lice! – eu disse, até agora, sendo cem por cento verdadeira. – Tenho certeza de que ele vai te notar. E, se por acaso ele não notar... Bom, aí, ele é quem vai estar perdendo! – eu disse, abrindo o maior sorriso que fui capaz de fazer.

A verdade era que eu não gostava de mentir. Principalmente para a Alice, que sempre é muito meiga e leva tudo muito a sério. Mas o que eu podia fazer? Acabar com as esperanças dela? Hmmm, acho que não!

- Bom, agora que a Lice já te deixou por dentro da vida dela, está na hora de eu te deixar a par da minha! – disse a Bruna. – Bom, você ainda não viu, mas o Vítor está muito bonito! Ele, pelo que eu soube, passou as férias inteiras em Fortaleza e, por isso, está superbronzeado e lindo!

Por falar em relacionamentos complicados... Bom, quer dizer, não tão complicado assim. Porque, na verdade, o relacionamento da Bruna e do Vítor nem existe! O que acontece é que eles nem ao menos se conhecem, porque o Vítor é de outra turma. Só que,

apesar disso, desde o início do ano, a Bruna vem nutrindo uma paixão (será que eu posso mesmo chamar isso que ela sente de algo tão profundo assim?) por ele, só porque ela o acha um deus grego e acredita que, quando ela o conhecer, ele vai se revelar ainda um garoto muito legal e com muitas coisas em comum com ela. O que eu penso disso? Sou sonhadora, mas nem tanto. Contudo, eu não me preocupo tanto assim, porque a verdade é que a Bruna “morre de paixão” por qualquer menino que ela acha bonito e, quando muda de *crush*, passa a não focar mais no anterior.

- Poxa, sério, Bru? – eu disse, não querendo aborrecê-la nem decepcioná-la. – Que... bom! – nossa! Será que eu não podia parecer um pouquinho mais animada?
- Aham, total! – disse ela, ignorando a minha falta de animação ou simplesmente a encobrimo com sua própria alegria.
- Bom, gente, vocês já viram se tem algum aluno novo ou se alguém saiu da nossa sala? – eu disse, para mudar de assunto e para saber se eu teria que dar as boas vindas para algum novato, já que sou a representante da nossa turma. O que, fala sério, não tem nada a ver comigo! Eu sou mega tímida e simplesmente jogaram esse cargo no meu colo e eu tive que aceitar! O que foi totalmente injusto, aliás.

Me lembro até hoje daquele dia. A nossa professora de Português entrou na sala e disse que faríamos a votação para representante e vice-representante. A professora perguntou quem queria se candidatar e, sem obter nenhum dedinho levantado, disse, então, que era para uns indicarem os outros. Com os nomes indicados, faríamos a votação. Até aí, estava tudo bem. Só que a Alice, logo em seguida, me indicou, afirmando que eu era uma das melhores alunas da sala. Como senti raiva dela naquela hora! Será que ela tinha se

esquecido de que eu sou mega tímida ou algo assim? Quando a questionei sobre isso, ela só disse:

- Ai, Gi! Você tem que entender que eu só fiz isso porque acho que é o melhor para você e para toda a nossa turma também! Você é superorganizada e detalhista, tenho certeza de que vai tirar isso de letra! – e eu tirei mesmo. Contra a minha vontade, mas tirei.
- E então, vamos ou não? – disse a Bruna, interrompendo as minhas lembranças e apontando na direção de um papelzinho pregado com fita crepe ao lado da porta da nossa sala.

Enquanto olhávamos a lista, a Alice foi mais rápida e disse:

- Ih, olhem! – ela apontou para algum nome na letra L. – Um novato!
- *Luís Henrique Vasconcelos Pereira* – leu a Bruna.
- Ai, não! – eu disse, sem nem pensar.
- O que foi, Gi? Você o conhece? – disse a Alice, pelo que eu pude perceber, achando que eu tinha algum problema com o novato.
- Não, não... Eu nem sei quem é! O problema é que eu vou ter que dar boas vindas pra ele e eu, bom, eu meio que tenho vergonha.
- Ah, Gi, pelo amor de Deus, né? – disseram as duas, achando que eu estava sendo ridícula.

Deixei as duas me olhando incrédulas e fui garantir um bom lugar para me sentar.

Quando voltei para onde elas estavam, só disse:

- Vocês já foram ao armário?

Elas disseram que “não” e nós fomos buscar o nosso material. Quando voltamos, cheias de livros nos braços, percebemos a presença de um menino novo na sala. A Bruna foi a primeira a comentar.

- Ei, olhem! Ele não é bonitinho? – ela disse num sussurro, para ele não ouvir.
- Nossa, sim. – concordou a Alice.
- É, ele até que é bonitinho mesmo. – eu disse. Mas, o que achei de verdade, foi que ele era realmente lindo. Nem muito alto, nem muito baixo, porém, com certeza mais alto que eu. Tinha uma pele clara, um cabelo de um castanho escuro cacheado lindo e uns olhos azuis bem grandes, mas de um jeito fofo.

A Bruna balbuciou alguma coisa para mim, mas eu nem ouvi. Na verdade, a única coisa que a voz dela fez foi me dar um susto, o qual ficou ainda maior quando percebi que estava começando a agir feito ela.

- Desculpa, Bru, o que você disse? - perguntei.
- Eu disse que você é simplesmente a maior sortuda que eu conheço!
- Por quê? – perguntei, ainda sem acreditar nas palavras dela.
- Ué, Gi, porque você é a única da sala que pode chegar nele sem aparentar ter segundas intenções!

Ao perceber que a olhei com uma cara de quem não está acreditando no que ouviu, ela se apressou em dizer:

- Não que se eu falasse com ele eu fosse ter algum tipo de segundas intenções, afinal, eu gosto do Vítor. Só estou constatando um fato. Só isso!

Em seguida, ela prendeu uma mecha do cabelo preto liso - que vai até um pouco abaixo dos ombros e tem as pontas repicadas - atrás da orelha e tirou da frente do olho esquerdo um pedacinho que tinha caído da sua franja lateral.

- Está bom, Bru! Calma! – eu disse, dando um risinho.

E, então, nós finalmente fomos para os nossos lugares. Porém, não permanecemos lá por muito tempo, pois logo em seguida outra amiga nossa chegou:

- Sofia! – dissemos nós três em coro e corremos na direção dela.
- Oi, gente! Nossa, que saudade de vocês! – ela disse.

A Sofia é nossa amiga há muito tempo, só que, ao contrário de nós, até o ano passado ela vivia grudada feito chiclete no cabelo com umas meninas com as quais nós não simpatizamos muito, ou seja, com a Melissa – a pior de todas elas –, a Lara – que, na minha opinião, é a única delas que a Melissa respeita – e com outras duas amigas delas, que parecem dois carrapatos sem personalidade que vão sempre atrás da Melissa e da Lara. Mas a Sofia nunca pareceu se identificar com elas. Ela é elegante, bonita, inteligente e, ao contrário daquelas outras meninas, ela tem muita personalidade. Na verdade, a única semelhança que eu sou capaz de ver entre elas é que a Melissa também é muito bonita... Então, a Sofia começou a ser excluída pela Melissa e, conseqüentemente, por todas as outras também, e voltou a conviver mais com a gente.

- E aí, Sofia? Como foram as suas férias? – a Alice perguntou.

- Ah, foram ótimas! Paris é mesmo uma cidade incrível! Eu amei! – ela disse, radiante.

Logo em seguida, ela colocou a mochila em uma cadeira ao lado das nossas, ou seja, bem no meio da sala, ao lado da mesa da Bruna e atrás da minha, que por sua vez estava do lado da mesa da Alice. Assim, era como se nossas mesas formassem um quadradinho no meio da sala.

- Ah, Sofia, já viu aquele novato ali? Ele é lindo, né? – disse a Bruna, mais afirmando do que perguntando.
- Ah, não acredito! Qual o nome dele?
- Finalmente alguém que me entende! O nome dele é Luís Henrique Vasconce...
- Então é ele mesmo! Que demais!
- Como assim? Você o conhece?
- Não, mas a minha mãe conhece a tia dele.
- Como assim? – agora não era só a Bruna que estava curiosa. Todas nós queríamos entender aquilo direito.
- Ah, é o seguinte: a dentista da minha mãe se chama Cristina Vasconcelos. Ela comentou com a minha mãe que vai sair da clínica na qual ela trabalha para montar uma com a irmã e o cunhado, que são brasileiros que passaram os últimos anos morando em Portugal, já que eles têm família lá, e acabaram de se mudar para cá. Aí, como eu estudo aqui, ela comentou com a minha mãe que, provavelmente, a gente viria a se conhecer.

- Brasília é mesmo uma metade de um ovo de codorna... – a Alice brincou.
- Ah, sim! Então, você vai lá falar com ele? – perguntei, na esperança de que ela pudesse ser minha aliada na operação “Dar As Boas Vindas Para o Novato”.
- Claro que não! O que eu iria dizer? “Oi, eu sou filha de uma das pacientes da sua tia. E aí, tudo bem?” Ele ia me achar esquisita!
- Ah, tudo bem, então...
- Ué, o que foi? – ela disse, já que, pelo visto, ainda não tinha se lembrado das minhas funções de representante.
- Ela está querendo que você vá com ela quando ela tiver que ir dar as boas vindas para o novato, já que ela é a representante da turma. Mas não vá, ok? Ela tem que ir sozinha, para ver se aprende que nem tudo na vida é um bicho de sete cabeças. – disse a Bruna, como sempre, achando tudo muito simples e tentando fazer a opinião dela prevalecer. O engraçado é que, quando o assunto é o Vítor, aí de nós se insinuarmos que ela deve dar umas indiretas para ele! Mas esse é o jeito dela, ela não faz por mal.
- Foi mal, Gi, mas não vai dar mesmo, viu? Ele nem sabe da minha existência. Mas não se preocupe, ele vai entender que essa é a sua função. E, quem sabe, você não faz um novo amigo?

É, era o que eu esperava que ele pensasse.

- E aí, meninas, como vão? – era a Melissa.
- Com a gente, está tudo ótimo. E com você, Melissa? – disse a Bruna, bem seca. Ela era de longe a que menos gostava da Melissa e das amigas dela.

- Com a gente, também vai tudo ótimo. – e, depois disso, ela saiu, com as três amigas a tiracolo.

A verdade, todas nós sabíamos, era que ela só tinha vindo falar com a gente para lembrar a Sofia acerca da existência dela. Mas a Sofia já tinha sido muito bem treinada por nós - que nos cansamos de explicar para ela que tudo o que a Melissa queria era que ela se sentisse intimidada - que, independentemente do que estivesse sentindo, ela agiria com indiferença em relação a essas meninas. E, verdade seja dita, ela estava se saindo muito bem até agora.

BEEEEEEEEEEEEEEENG!

Assim que o sinal tocou, a maioria dos alunos continuou de pé, incluindo eu e as meninas. Todos ainda estavam conversando sobre como tinham sido as férias: quem tinha ficado com quem, que chorou, quem riu, quem conheceu o mundo, quem fez um intercâmbio de um mês, quem viveu um grande amor, quem ficou aqui em Brasília mesmo, quem estudou (quer dizer, só o Samuel estava contando que estudou nas férias), quem gastou mais do que devia em uma viagem sem os pais, quem brigou com a amiga... Enfim, estávamos todos contando algumas novidades sobre as nossas férias uns para os outros.

Como, por exemplo, a Melissa, que estava contando que foi para Bariloche esquiar e que a viagem dela tinha sido isso e aquilo; a Alice, que estava contando que foi para São Paulo ver a priminha recém-nascida dela; a Bruna, que estava contando como foi chato passar duas semanas tendo que aturar uma prima que ela não gosta muito lá em Porto Alegre; e a Sofia, que estava falando sobre como a Torre Eiffel é ainda mais linda à noite, com um monte de luzinhas. Eu, por outro lado, estava só escutando mesmo, porque não viajei e, por isso, não tinha novidades para contar.

Entre uma novidade e outra, o nosso professor de Matemática entrou na sala, colocou as coisas dele na mesa e disse:

- Oi, gente, vamos sentar, ok? Eu tenho certeza de que as férias de vocês foram muito boas e que vocês têm muito o que contar uns para os outros. Mas deixem isso para o intervalo! Agora, por favor, abram os seus livros na página cento e dez e comecem a copiar o que eu vou escrever no quadro.

E, com essas palavras, estava oficialmente decretado o fim das nossas férias.